

Desfecho da crise é tão imprevisível quanto incerto o destino da esquerda

JU – *A sociedade brasileira tem dificuldade de assimilar a crise, sobretudo porque ela se instalou no seio de um governo dito de esquerda e que tinha a revolução dos costumes políticos como um de seus emblemas. Qual o impacto da quebra dessa crença – crença refletida nos resultados da eleição de 2002 – no imaginário da sociedade e em suas expectativas?*

Edgard de Decca – É importante avaliarmos o que significa a crise provocada por uma máquina de partido político e, de outro lado, a liderança e a expectativa criada em torno de uma liderança que foi o Lula. Sua vitória é o renascimento de um populismo cujas bases se fundavam em sindicatos e organizações populares, muito diferentes provavelmente do populismo liderado por Vargas e por Jânio. É um populismo que ultrapassa a escala dos partidos. Ele é fundado em organizações populares que vão muito além do PT. Há uma dualidade na composição do poder daquilo que pode se chamar lulismo.

Está havendo, no momento, um embate entre essas duas tendências. Se você blindar o presidente, talvez se possa salvaguardar essa liderança popular, livrando-o daquilo que seria a corrupção da máquina do partido. É uma equação quase impossível. Na verdade, esses dois componentes, isto é, o populismo lulista e a ascensão da máquina do partido estão imbricados. São dois movimentos distintos: a máquina do partido crescendo ao lado da liderança popular de Lula. A máquina do partido vem para substituir o Estado. Hannah Arendt, em “A origem do totalitarismo”, estudou o origem do totalitarismo, estudou o movimento de máquinas partidárias que assaltam o Estado e o substituem na gestão do político. Essa é grande novidade que nunca tinha ocorrido no Brasil e que um partido de esquerda conseguiu fazer – como é que uma máquina partidária se instala e se infiltra no aparelho do Estado. Isso é totalmente novo. Pode ter ocorrido, em escalas muito mais problemáticas, no fascismo italiano, no nazismo alemão, no comunismo soviético. No Brasil atual, isso acontece concomitante ao movimento de adesão popular a uma liderança de cunho populista.

Em outras experiências históricas, a vertente populista solidificada na máquina do partido deu no fascismo. A nossa grande vantagem é que essas duas tendências no Brasil estão dissociadas. Hoje, a liderança do Lula está quase que exclusivamente na capacidade que ele tem de chamar a atenção de suas bases eleitorais, alimentando o populismo. A máquina do partido está estacalhada.

Estamos diante de uma possibilidade inédita de preservar, valorizar e consolidar, em última instância, as instituições.

Edgard de Decca, historiador

João Quartim de Moraes – A pergunta é muito boa, mas já encerra, nela mesma, uma teoria. Eu não concordo. É udenismo achar que honestidade no trato das finanças públicas é a principal qualidade do governante. Sobretudo quando se trata de virtude de fachada, de retórica de sepulcros caiados de branco. Acho que quem rouba o patrimônio público é ladrão e tem de ser condenado. Agora, transformar a honestidade em grande bandeira, em panacéia... Sempre escolhemos uma grande bandeira no lugar de outra, ou seja, no caso, as reformas sociais em profundidade. Até acho que havia isso no PT. Mas este partido sempre foi uma salada ideológica – às vezes, com uma linguagem de extrema esquerda, mas sempre inconsistente, com uma cara de anticomunismo muito forte. Um exemplo decisivo: quando viram que a União Soviética ia desmantelar eles acharam muito bom, encheram a boca para falar em democracia. Na verdade, comiam na mão da ideologia estadunidense.

No plano interno, aquele ideal do político ilibado é bem udenista, moralista. É um udenismo um pouco a

esquerda, menos reacionário do que a UDN histórica quando ela foi fundada. Vejo sem surpresa que a popularidade de Lula não caiu muito peante as massas populares. A retórica da tartufice impressionava mais certas faixas do eleitorado de melhor renda. Mas a massa dos eleitores pode até ficar desanimada, mas pensa algo assim: “O FHC também meteu a mão, só que com mais habilidade...”. Mas não creio que prevaleça a idéia do desapontamento com o Lula, pelo menos enquanto ele se mantiver um pouco acima de tudo isso, pretendendo não se ter comprometido pessoalmente. Acho que no povo não se afetou muito com a retórica de malandros fantasiados de sacerdotistas do culto da honestidade no trato da coisa pública.

Marcelo Ridenti – Existe um senso comum de que a política é por natureza corrupta, logo, algo em que as pessoas honestas não devem se meter. A atual crise tende a reforçar essa ideologia que leva ao desinteresse pela política, como se não fosse possível transformar nada, nem sequer elegendando um presidente e congressistas considerados de esquerda. Isso é péssimo para a democracia, especialmente para as forças interessadas em mudanças na ordem social, econômica e política.

Oswaldo Giacóia Júnior – De um ponto de vista psicológico, esse talvez seja um dos componentes das crises que mais geram abatimento e frustração. É consideravelmente grande o percentual de pessoas que acreditavam que o novo governo traria consigo um elevado grau de esforço, comprometimento e boa vontade para buscar e implementar políticas públicas de justiça social, alternativas consistentes para as opções tradicionais do jogo político brasileiro, aumento das margens de autonomia para a atuação dos agentes públicos, de transparência nas decisões e negócios do Estado – daí o extraordinário capital de confiança generosamente depositado na transformação radical da moralidade política nacional, na firmeza em relação a padrões éticos de gestão de bens e recursos, enfim do interesse público. É inegável que se pode detectar sinais evidentes de uma quebra de confiança, mas não creio que isso implique em resignação ou capitulação em relação a essas expectativas. Talvez ocorra o contrário, isto é, um incremento de ânimo na busca intransigente dessas metas e um desejo ainda mais ardente de evitar desvios e distorções no caminho que elas indicam.

Ricardo Antunes – O primeiro impacto é que acabou a auréola do PT como partido diferente dos demais. O PT (e falo aqui do PT dominado pelo chamado *Campanha Majoritária*) soçobrou na vala comum dos partidos de direita. Veja que o estopim dessa crise se deu com o descumprimento do acordo feito entre Dirceu, então ministro da Casa Civil e Roberto Jefferson. Quis negociar com essa direita e depois dar um “chega pra lá” nela. Deu no que deu. Claro que para o imaginário popular, elegeu Lula, um ex-líder operário à Presidência da República, depois de tantas disputas, e vê-lo desmorar esse modo, terá fortes consequências em muitos a idéia do descrito completo, algo como a comprovação empírica de tese de que “todos são iguais”. Para a esquerda, é preciso, então, recomeçar.

Em algum momento a esquerda vai se recompor, pois é difícil imaginar que a ordem social e econômica hoje dominante possa ser aceita sem contestação.

Marcelo Ridenti, sociólogo

JU – *Em que medida, na sua opinião, o ideário da esquerda brasileira foi atingido pela crise política em curso? Ou seja, a esquerda brasileira será capaz de se recompor? Que tipo de esquerda pode emergir da crise?*

Edgard de Decca – Analisando do ponto de vista histórico, é o réquiem da esquerda que se formou durante a

ditadura. Pode ser trágico, pode ser lamentável reconhecer isso, inclusive porque nós somos participantes dessa jornada, mas ela está enterrada. De um lado, acho que essa esquerda formada por dois componentes – um, ideológico, profundamente marcado por um marxismo do tipo leninista, que faz uma apologia muito forte da máquina do partido como instrumento do poder; e um corporativismo oriundo da Era Vargas, que é profundamente danoso para o pensamento de esquerda. Mas a esquerda brasileira mimetizou o corporativismo do varguismo. Não tenho nenhuma saudade dessa vertente.

Quando escrevi o livro “1930 – O silêncio dos vencidos”, no momento de anistia política, estudei as alternativas da esquerda e fiz a crítica ao período varguista por acreditava que uma das tarefas do pensamento de esquerda era a de abandonar todo o resquício corporativista que se formou desde a época do Estado Novo.

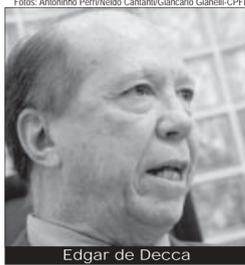
Não tenho o menor pudor em dizer que essa crise tem algo de muito positivo nisso. Os novos movimentos sociais, seja da parte do mundo do trabalho, com a sua respectiva precarização e com a crise do sindicalismo, terão um novo papel – brigar pela qualificação e pela preservação do trabalho. Teremos novos movimentos sociais oriundos das questões ambientais, preocupados com os padrões morais e com a ética. Esse novo campo de demandas com certeza criará uma nova perspectiva para a juventude e para as gerações que almejam um mundo mais justo. Talvez as nomenclaturas oriundas da Revolução Francesa – esquerda e direita – podem ser aos poucos sendo ultrapassadas.

João Quartim de Moraes – O maior grave é que, embora o próprio Lula tenha dito que não é mais de esquerda, a verdade é que o governo é apoiado pela grande maioria da esquerda. Lula pode estar querendo pular fora, mas trata-se de uma derrota para a esquerda. A derrota do PT é uma derrota da esquerda. Nunca fui petista, mas fazer o quê? Não se trata de um assunto pessoal.

Se eu visse as coisas de uma maneira esquerdista, eu até estaria contente. Pensaria: “Está aí a prova. Eu que sempre fui marxista, leninista. Está vendo, chutaram o comunismo, cuspiram no comunismo...”. Mas eu não acho que isso seja auspicioso, mesmo porque o comunismo é uma minoria. O comunismo tomou uma cacetada enorme em escala internacional. Existe um preconceito de 60 anos de intoxicação mental. O PC do B avassalou a esquerda? Pode ser uma força importante, mas é pequena. É uma derrota para a esquerda. O estrago foi grande. Dimensionaremos isso logo, nas próximas eleições.

O presidencialismo tem um elemento que Marx chamava bonapartismo, que é o fato de ter um homem providencial que o povo eleve para mandar, a quem confere o poder; é o homem escolhido pela nação para dirigir-lá. Isso do ponto de vista das constituições democráticas dos séculos 18 e 19, não é democrático. Não é governo pela assembleia de representantes do povo. É um governo de um homem só. Esse problema do presidencialismo é uma faca de vários gumes. Significa também que muita performance do Lula, caso ele consiga ganhar a eleição, essa derrota de hoje ganha um fôlego de mais quatro anos para a esquerda reformular inclusive sua posição em relação ao Lula. Inclusive de apoio mais crítico. Sempre preguei que era preciso sair do apoio incondicional para o apoio crítico. Não estão conseguindo. Voltaram aquela reforma reacionária da Previdência e outras porcaria para não romper.

Caso Lula seja reeleito, essa derrota do PT passa para o segundo plano, até porque o eleitor está identificando cada vez menos o Lula ao PT. Aliás é por isso que a direita e o tucanato estão insistindo nesse ponto. FHC, que de bobo não tem nada, ele dá aula de esperteza para nós todos juntos, quer e ou fazer um acordo para o Lula não concorrer – já que ele ainda é um candidato forte em termos de pesquisa – ou uma compo-



Edgard de Decca



João Quartim de Moraes



Marcelo Ridenti



Oswaldo Giacóia Júnior



Ricardo Antunes

sição com ele. Agora, se o Lula ganhar, a esquerda tem mais quatro anos para fazer menos bobagem.

Marcelo Ridenti – Em algum momento a esquerda vai se recompor, pois é difícil imaginar que a ordem social e econômica hoje dominante possa ser aceita sem contestação, especialmente numa sociedade tão desigual como a brasileira. Resta saber como isso se fará. Alguns colegas têm previsto até dez, vinte anos para que haja uma recomposição das esquerdas com viabilidade política significativa. Historicamente, as esquerdas no Brasil tiveram um ciclo anarquista no início do século XX. Depois houve um ciclo das vanguardas, a partir dos anos 20, em que os comunistas foram hegemônicos. Ele se encerrou com a derrota da esquerda armada durante a ditadura. No final dos anos 1970, começou a gestar-se um ciclo que se poderia chamar “das bases”, animado pelos então chamados novos movimentos sociais, pelo novo sindicalismo, pelas comunidades e leais de base informadas pela Teologia da Libertação, enfim, por uma mobilização social de trabalhadores urbanos e rurais, incluindo setores significativos das classes médias, no período da transição democrática. O PT, criado em 1980, foi o partido hegemônico na esquerda desde então.

Estávamos assistindo ao fim desse ciclo? O que viria em seu lugar? São questões em aberto.

Edgard de Decca – O que se consegue observar é que há um conflito de gerações dentro do PT. Isso é evidente. Há uma geração do PT formada nos ideais democráticos, na vigência dos princípios pós Diretas-Já. Percebe-se que essa geração entende que os ideais partidários precisam ser defendidos na escala das instituições e no espaço da democracia – e não tornar a democracia em instrumento para a consolidação de uma máquina do poder. É tão visível essa discrepância que essa nova geração é herdeira de uma responsabilidade imensa: re-fundar e re-criar a credibilidade de uma sigla que, no momento, está profundamente estigmatizada.

Se os quadros remanescentes do PT quiserem levantar a bandeira da esquerda – se ainda for possível falar em esquerda no sentido clássico – eles, com certeza, não mais serão hegemônicos. Essa crise no plano das esquerdas é visível já há algum tempo, mas agrava-se agora com o estacamento do PT. De qualquer maneira, a esquerda está completamente fragmentada nos dias atuais. É o que é pior, desacreditada. O quadro político-partidário vai sofrer uma transformação muito grande nos próximos anos, com essa crise produzida pelo PT.

João Quartim de Moraes – O PT foi a principal força da esquerda de 1980 até agora. É um quarto de século, o que não é pouca porcaria, mesmo em termos de história. Como estou de fora, nunca fui petista, vejo de longe. Admiro alguns nomes do partido, mas é preciso analisar que forças terão da qual para frente. É preciso saber com clareza o que foi essa reformulação do diretório nacional. A coisa está ainda indefinida. Não sabemos se vão cassar o José Dirceu etc. Acho que ainda o PT deve passar por um período de séria, intensa e produtiva auto-reflexão e autocrítica, de que devem resultar importantes transformações.

Ricardo Antunes – Para a esquerda, trata-se, uma vez mais, de recuperar os elementos em seus experimentos mais generosos. O PT, entre tantos equivocados que conheceu ao longo de sua história – que, é preciso dizer, teve também muitos momentos, dos quais o principal foi ter tido uma forte origem operária e popular –, cometeu desde logo um “pecado capital”, marcado pelo seu completo desdém pela teoria, pela reflexão. Só a título de exemplo: Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., entre os nossos grandes intelectuais de esquerda, não falaram dos autores clássicos da teoria emancipatória, como Marx, sempre foram desconsiderados ou, no máximo, assimilados como verniz para uma política desprovida de teoria. Salvo os grupamentos mais à esquerda do PT, a desconsideração pela reflexão sempre foi um traço do PT dominante, a começar por Lula e sua completa repulsa pela teoria. Um novo projeto de esquerda deverá ressolidar essas laços

com as lutas sociais dos trabalhadores das cidades e dos campos, única forma de recuperar força, vitalidade e impulso. É recusar o caminho de linha de menor resistência, dado pelo elitismo e institucionalismo que deixaram o PT de joelhos, convertido o em “partido da ordem”, cada vez mais eleitoral e, finalmente, puramente leitoreiro.

Marcelo Ridenti – É difícil prever o que será do PT. Aposto que não vai acabar como partido, até pela sua força acumulada. Mas em que ele vai se transformar ou já vem se transforman-

do? Alguns acham que ele pode depurar-se e voltar às origens. Seria uma ilusão: já se diluíram as coordenadas históricas que lhe deram vida no final da ditadura militar; nemo PT, nemo PSOL, nem qualquer outro partido tem como reconstituir o que já não existe. Outra possibilidade com a qual alguns sonham é que o PT possa cumprir a promessa de ser uma superação das tradições de esquerda no século XX, sendo uma síntese superior ao que significaram o bolchevismo e a social-democracia. Mas em algum momento teria havido alguma base real para esse sonho?

A experiência do PT lembra muito a da social-democracia europeia, só que ele realizou em poucos anos uma virada que na Europa demorou um século: do socialismo democrático à gestão “responsável” do capitalismo, que tende a aproximá-lo de tornar-se um partido social-liberal, ou seja, que adota medidas neoliberais na economia, com algumas políticas sociais compensatórias. Mais grave, como agora se revela, um partido tão comprometido com interesses escusos como os outros que sempre criticara. Outra alternativa, de que um colega levantou: o PT pode virar algo que lembre o Justicialismo na Argentina, em que a mobilização social de trabalhadores urbanos e rurais, incluindo setores significativos das classes médias, no período da transição democrática. O PT, criado em 1980, foi o partido hegemônico na esquerda desde então.

Estávamos assistindo ao fim desse ciclo? O que viria em seu lugar? São questões em aberto.

Se os quadros remanescentes do PT quiserem levantar a bandeira da esquerda – se ainda for possível falar em esquerda no sentido clássico – eles, com certeza, não mais serão hegemônicos. Essa crise no plano das esquerdas é visível já há algum tempo, mas agrava-se agora com o estacamento do PT. De qualquer maneira, a esquerda está completamente fragmentada nos dias atuais. É o que é pior, desacreditada. O quadro político-partidário vai sofrer uma transformação muito grande nos próximos anos, com essa crise produzida pelo PT.

João Quartim de Moraes – O PT foi a principal força da esquerda de 1980 até agora. É um quarto de século, o que não é pouca porcaria, mesmo em termos de história. Como estou de fora, nunca fui petista, vejo de longe. Admiro alguns nomes do partido, mas é preciso analisar que forças terão da qual para frente. É preciso saber com clareza o que foi essa reformulação do diretório nacional. A coisa está ainda indefinida. Não sabemos se vão cassar o José Dirceu etc. Acho que ainda o PT deve passar por um período de séria, intensa e produtiva auto-reflexão e autocrítica, de que devem resultar importantes transformações.

Ricardo Antunes – Para a esquerda, trata-se, uma vez mais, de recuperar os elementos em seus experimentos mais generosos. O PT, entre tantos equivocados que conheceu ao longo de sua história – que, é preciso dizer, teve também muitos momentos, dos quais o principal foi ter tido uma forte origem operária e popular –, cometeu desde logo um “pecado capital”, marcado pelo seu completo desdém pela teoria, pela reflexão. Só a título de exemplo: Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., entre os nossos grandes intelectuais de esquerda, não falaram dos autores clássicos da teoria emancipatória, como Marx, sempre foram desconsiderados ou, no máximo, assimilados como verniz para uma política desprovida de teoria. Salvo os grupamentos mais à esquerda do PT, a desconsideração pela reflexão sempre foi um traço do PT dominante, a começar por Lula e sua completa repulsa pela teoria. Um novo projeto de esquerda deverá ressolidar essas laços

com as lutas sociais dos trabalhadores das cidades e dos campos, única forma de recuperar força, vitalidade e impulso. É recusar o caminho de linha de menor resistência, dado pelo elitismo e institucionalismo que deixaram o PT de joelhos, convertido o em “partido da ordem”, cada vez mais eleitoral e, finalmente, puramente leitoreiro.

Marcelo Ridenti – É difícil prever o que será do PT. Aposto que não vai acabar como partido, até pela sua força acumulada. Mas em que ele vai se transformar ou já vem se transforman-

do? Alguns acham que ele pode depurar-se e voltar às origens. Seria uma ilusão: já se diluíram as coordenadas históricas que lhe deram vida no final da ditadura militar; nemo PT, nemo PSOL, nem qualquer outro partido tem como reconstituir o que já não existe. Outra possibilidade com a qual alguns sonham é que o PT possa cumprir a promessa de ser uma superação das tradições de esquerda no século XX, sendo uma síntese superior ao que significaram o bolchevismo e a social-democracia. Mas em algum momento teria havido alguma base real para esse sonho?

A experiência do PT lembra muito a da social-democracia europeia, só que ele realizou em poucos anos uma virada que na Europa demorou um século: do socialismo democrático à gestão “responsável” do capitalismo, que tende a aproximá-lo de tornar-se um partido social-liberal, ou seja, que adota medidas neoliberais na economia, com algumas políticas sociais compensatórias. Mais grave, como agora se revela, um partido tão comprometido com interesses escusos como os outros que sempre criticara. Outra alternativa, de que um colega levantou: o PT pode virar algo que lembre o Justicialismo na Argentina, em que a mobilização social de trabalhadores urbanos e rurais, incluindo setores significativos das classes médias, no período da transição democrática. O PT, criado em 1980, foi o partido hegemônico na esquerda desde então.

Estávamos assistindo ao fim desse ciclo? O que viria em seu lugar? São questões em aberto.

Edgard de Decca – O ponto de vista histórico, o que mais nos deixa apreensivos nas tradições políticas do Brasil é que a política brasileira sempre foi um retrato muito fiel daquilo que o Sérgio Buarque de Holanda dizia: os brasileiros são uns desterrados dentro de sua própria terra. Os brasileiros vêem o próprio Brasil como um país de passagem. Você tem que exaurir tudo, porque tudo tem que ser aproveitado de uma maneira a mais imediata possível. Há uma certa dificuldade de penitência do ponto de vista das instituições brasileiras. Esse é o grande risco que vive permanentemente o Brasil nas sucessivas crises políticas.

Se qual for o destino do PT, parece que ele está estruturalmente comprometido com um processo de burocratização e institucionalização que penetrou em suas entranhas, tende a ser cada vez mais uma pálda sombra da utopia socialista democrática que o constituiu. Mas o PT ainda conta com militantes sinceros que apostam na velha utopia e devem fazer parte de uma refundação das esquerdas para o século XXI, que provavelmente vai se desenhar também no cenário internacional, ainda que não esteja claro o que virá a ser.

Oswaldo Giacóia Júnior – Considerando a partir do ponto de vista de sua história de formação e do tipo de comportamento que tem pautado sua atuação, o Partido dos Trabalhadores foi e continua sendo uma das forças atuantes mais importantes e significativas da vida política brasileira nessas últimas décadas. Se em todo julgamento justo é necessário evitar a prevenção e a precipitação, isso é ainda mais verdadeiro no caso de um julgamento dessas condições. Penso que o PT deve passar por um período de séria, intensa e produtiva auto-reflexão e autocrítica, de que devem resultar importantes transformações.

Ricardo Antunes – Penso que o PT acabou enquanto partido de esquerda. Converteu-se numa espécie de PMDB do novo século. Acho muito difícil essa tentativa atual de repô-lo, pois os vícios de origem se mantêm. É sempre bom lembrar que a antiga *Articulação*, hoje denominada *Campanha Majoritária*, legitimou quase tudo isso que presenciamos hoje: o Caixa 2, os recursos de origem duvidosa, a conversão do PT e de suas campanhas em pura manipulação propagandística, de garantias para o lema *Lulinha paz e Amor* e jamais questionou – ao contrário, legitimou – a contratação de

Duda Mendonça, as alianças com setores da direita, alguns deles capazes de envergongar a própria direita. Tudo isso foi respaldado pelo *Campanha Majoritária*. O desafio, agora, é ver quais serão os caminhos dos vários grupamentos de esquerda, ainda no PT, e que estão em estado de estupefação, torpor e repulsa.

Se eu quiser ter uma visão mais otimista, vislumbrar o melhor cenário, eu diria que o Lula seria reeleito, mediocrementemente, com um homem acima dos partidos.

João Quartim de Moraes, filósofo

JU – *Em sua opinião, o arcabouço institucional que dá suporte à democracia mostra-se sólido o suficiente para dar conta da crise?*

Edgard de Decca – Do ponto de vista histórico, o que mais nos deixa apreensivos nas tradições políticas do Brasil é que a política brasileira sempre foi um retrato muito fiel daquilo que o Sérgio Buarque de Holanda dizia: os brasileiros são uns desterrados dentro de sua própria terra. Os brasileiros vêem o próprio Brasil como um país de passagem. Você tem que exaurir tudo, porque tudo tem que ser aproveitado de uma maneira a mais imediata possível. Há uma certa dificuldade de penitência do ponto de vista das instituições brasileiras. Esse é o grande risco que vive permanentemente o Brasil nas sucessivas crises políticas.

Se qual for o destino do PT, parece que ele está estruturalmente comprometido com um processo de burocratização e institucionalização que penetrou em suas entranhas, tende a ser cada vez mais uma pálda sombra da utopia socialista democrática que o constituiu. Mas o PT ainda conta com militantes sinceros que apostam na velha utopia e devem fazer parte de uma refundação das esquerdas para o século XXI, que provavelmente vai se desenhar também no cenário internacional, ainda que não esteja claro o que virá a ser.

Oswaldo Giacóia Júnior – Considerando a partir do ponto de vista de sua história de formação e do tipo de comportamento que tem pautado sua atuação, o Partido dos Trabalhadores foi e continua sendo uma das forças atuantes mais importantes e significativas da vida política brasileira nessas últimas décadas. Se em todo julgamento justo é necessário evitar a prevenção e a precipitação, isso é ainda mais verdadeiro no caso de um julgamento dessas condições. Penso que o PT deve passar por um período de séria, intensa e produtiva auto-reflexão e autocrítica, de que devem resultar importantes transformações.

Ricardo Antunes – Penso que o PT acabou enquanto partido de esquerda. Converteu-se numa espécie de PMDB do novo século. Acho muito difícil essa tentativa atual de repô-lo, pois os vícios de origem se mantêm. É sempre bom lembrar que a antiga *Articulação*, hoje denominada *Campanha Majoritária*, legitimou quase tudo isso que presenciamos hoje: o Caixa 2, os recursos de origem duvidosa, a conversão do PT e de suas campanhas em pura manipulação propagandística, de garantias para o lema *Lulinha paz e Amor* e jamais questionou – ao contrário, legitimou – a contratação de

Duda Mendonça, as alianças com setores da direita, alguns deles capazes de envergongar a própria direita. Tudo isso foi respaldado pelo *Campanha Majoritária*. O desafio, agora, é ver quais serão os caminhos dos vários grupamentos de esquerda, ainda no PT, e que estão em estado de estupefação, torpor e repulsa.

Se eu quiser ter uma visão mais otimista, vislumbrar o melhor cenário, eu diria que o Lula seria reeleito, mediocrementemente, com um homem acima dos partidos. Mas não está manchado pelo Dirceu, Delúbio etc. E o Dirceu assumirá a culpa. Não sou débil mental em acreditar que Lula não sabia o que está acontecendo. É como acreditar que criança nasce em repollo. Lula não é um gênio intelectual, mas de bobo não tem nada. Não creio também que José Dirceu tenha se locupletado. Crio simplesmente que ele queria quebrar a direita usando métodos de direita.

Com a reeleição de Lula, a esquerda teria um espaço de tempo para ser mais exigente e crítica, sem ser estafada do governo. Caso Lula seja reeleito, será por todo o mundo que está contra o tucanato, inclusive a direita. A esquerda podia ser uma força de pressão maior, sem se comprometer em votar aquilo que o Lula quisesse, exercendo uma pressão no sentido de fazer alguma reforma social. Num cenário pior, a derrota de Lula acabaria de desmoralizar a esquerda. De qualquer forma, o cenário é medíocre, de baixa esperança.

Marcelo Ridenti – Se o arcabouço institucional dá conta da crise? Sim, no sentido de que parece não haver ameaça de golpe à vista. Mas não é sólido no sentido apontado anteriormente, pois é certo que uma crise como essa tende a desacreditar a própria política, semeando o campo para alternativas antidemocráticas.

Marcelo Ridenti – Se o arcabouço institucional dá conta da crise? Sim, no sentido de que parece não haver ameaça de golpe à vista. Mas não é sólido no sentido apontado anteriormente, pois é certo que uma crise como essa tende a desacreditar a própria política, semeando o campo para alternativas antidemocráticas.

Se qual for o destino do PT, parece que ele está estruturalmente comprometido com um processo de burocratização e institucionalização que penetrou em suas entranhas, tende a ser cada vez mais uma pálda sombra da utopia socialista democrática que o constituiu. Mas o PT ainda conta com militantes sinceros que apostam na velha utopia e devem fazer parte de uma refundação das esquerdas para o século XXI, que provavelmente vai se desenhar também no cenário internacional, ainda que não esteja claro o que virá a ser.

Oswaldo Giacóia Júnior – Considerando a partir do ponto de vista de sua história de formação e do tipo de comportamento que tem pautado sua atuação, o Partido dos Trabalhadores foi e continua sendo uma das forças atuantes mais importantes e significativas da vida política brasileira nessas últimas décadas. Se em todo julgamento justo é necessário evitar a prevenção e a precipitação, isso é ainda mais verdadeiro no caso de um julgamento dessas condições. Penso que o PT deve passar por um período de séria, intensa e produtiva auto-reflexão e autocrítica, de que devem resultar importantes transformações.

Ricardo Antunes – Penso que o PT acabou enquanto partido de esquerda. Converteu-se numa espécie de PMDB do novo século. Acho muito difícil essa tentativa atual de repô-lo, pois os vícios de origem se mantêm. É sempre bom lembrar que a antiga *Articulação*, hoje denominada *Campanha Majoritária*, legitimou quase tudo isso que presenciamos hoje: o Caixa 2, os recursos de origem duvidosa, a conversão do PT e de suas campanhas em pura manipulação propagandística, de garantias para o lema *Lulinha paz e Amor* e jamais questionou – ao contrário, legitimou – a contratação de

de final da ditadura militar. Um exemplo são as universidades brasileiras. Hoje, as universidades paulistas conquistaram a autonomia financeira e a capacidade de separar as suas crises e seus embates políticos. Sucedem-se as reitorias, mas a institucionalidade, a preservação da instituição, a probidade administrativa e o bom uso dos recursos públicos estão assegurados. A Unicamp é um microcosmo exemplar dessa maturidade que a gente espera que se atinja em outros níveis e em todas as outras instituições. Espero que o Congresso também tenha essa maturidade de não ficar fazendo uma disputa exclusivamente partidária. É preciso enxergar um passo além.

João Quartim de Moraes – Que a eleição não é panacéia. Numa ordem capitalista, o sistema eleitoral é altamente permeável ao poder do dinheiro. O PT subestimou largamente isso. Ou subestimou ou se corrompeu...

Marcelo Ridenti – Vou me restringir a algumas questões para as quais as esquerdas devem estar atentas. Se quiserem refundar-se. O compromisso com a ética na política é fundamental, mas ele não deve ser a principal preocupação de partidos de esquerda. Além de moralizar, é preciso acima de tudo questionar a luta para transformar a ordem social, econômica e política. De um ponto de vista crítico, não cabe a ilusão de que a ordem estabelecida seria adequada, uma vez moralizada – essa é tradicionalmente uma bandeira da direita, de políticos como Eduardo Gomes, Carlos Lacerda e Jânio Quadros, da velha União Democrática Nacional (UDN).

Outra ponderação: deve ser abandonada a ideologia do marco zero que tem marcado as passagens dos ciclos históricos das esquerdas a que me referi. Desde os anos 1920, os comunistas supunham ser a novidade, livres dos erros anarco-sindicalistas. Por sua vez, nos anos 1970/80, ressurgiu a ideologia do marco zero, muito forte no PT, que fazia de conta que nada tinha a ver com a tradição de esquerda imediatamente passada, comunista ou trabalhista. Uma refundação das esquerdas, que talvez venha a abrir um novo ciclo de sua história, passa pela reflexão sobre os alcances e limites de suas políticas ao longo do último século. O que implica também aprender a desconfiar das próprias certezas.

Marcelo Ridenti – Se o arcabouço institucional dá conta da crise? Sim, no sentido de que parece não haver ameaça de golpe à vista. Mas não é sólido no sentido apontado anteriormente, pois é certo que uma crise como essa tende a desacreditar a própria política, semeando o campo para alternativas antidemocráticas.

Se qual for o destino do PT, parece que ele está estruturalmente comprometido com um processo de burocratização e institucionalização que penetrou em suas entranhas, tende a ser cada vez mais uma pálda sombra da utopia socialista democrática que o constituiu. Mas o PT ainda conta com militantes sinceros que apostam na velha utopia e devem fazer parte de uma refundação das esquerdas para o século XXI, que provavelmente vai se desenhar também no cenário internacional, ainda que não esteja claro o que virá a ser.

Prefiro dizer que, com base no conhecimento dos dados de que dispomos, enquanto cidadãos comuns, o impeachment não se afigura como uma medida sensata.

Oswaldo Giacóia Júnior, filósofo

JU – *Em sua opinião, o impeachment é uma possibilidade no horizonte da crise?*

Edgard de Decca – Vou fazer uma outra comparação do final da ditadura militar – até o presente – com a Revolução Francesa. O fim da ditadura militar poderíamos caracterizar como a Queda da Bastilha, em 1789. O período que se sucedeu à Revolução Francesa é um período de monarquia constitucional – que se assemelha ao período que deu origem às eleições indiretas e à consolidação das instituições por intermédio de figuras que estiveram ligadas ao antigo regime. As liberdades democráticas são conquistadas, e tem-se a perspectiva dos primeiros governos eleitos pelo povo.

O populismo de Lula é o regime populista de Robespierre. É o momento em que predominam as tendências populares e as tendências políticas que lutaram pelo fim da ditadura. Predomina a hegemonia dessas forças jacobinas e tem-se o regime de

Robespierre – que na Revolução Francesa foi conhecido como o regime do terror. E o regime em que a máquina jacobina substituiu o Estado, e o populismo se transforma numa arma poderosa de mobilização política.

É interessante que, desde a semana passada, a Ordem dos Advogados do Brasil e o próprio presidente do PT, falam na convocação do Conselho da República – que está prevista na Constituição. De uma certa, foi a saída que se encontrou, na Revolução Francesa, com a crise do jacobinismo e do populismo de Robespierre. Um Conselho da República que, uma vez convocado, é o reconhecimento na esfera política de que o presidente, sozinho, é incapaz de preservar as instituições democráticas. A convocação do Conselho da República supõe que, no nosso sistema, os presidentes da Câmara e do Senado têm de fazer a convocação desse conselho para que as instituições se preservem.

Eu diria que se isso vier a ocorrer, nas próximas semanas, é uma maneira de evitar o impeachment. É uma maneira de preservar a governabilidade. Isso se assemelha à Revolução Francesa. É uma saída histórica bastante plausível. Trata-se de uma alternativa de governabilidade. Não sei se é a melhor, mas pelo menos, está prevista na Constituição de 1988.

Por outro lado, há um problema sério nessa crise. A governabilidade não está mais com o governo, o que é um dado fundamental. A governabilidade, nesse momento, está nas mãos da oposição. Ela vai ditar o cronograma da governabilidade. A crise é muito grande porque, quando o governo não está com o governo, surge o impasse. O impeachment não depende mais daquilo que o governo pode ou não sinalizar. A decisão está nas mãos das oposições.

João Quartim de Moraes – Acho que não é fatal, mas a direita está bem assanhada. A esquerda, por maior que seja a miséria política do governo Lula, tem de se bater contra o *impeachment*.

Marcelo Ridenti – É uma possibilidade, pois não se pode ter certeza até onde uma crise como essa pode levar. Pouca gente nos meios políticos tem dúvida de que o presidente, além de ser o principal beneficiário político do esquema de corrupção, tinha conhecimento dele no essencial. Contudo, parece improvável que se abra um processo de *impeachment*, pois ele traria riscos ao conjunto das classes dirigentes, poderia gerar transtornos na estabilidade dos negócios empresariais e, ademais, incentivar uma eventual mobilização popular para defender o mandato de Lula, cuja liderança messiânica é temida. Manter o atual governo acauado e desacreditado – cada vez mais, para ser batido nas próximas eleições, parece ser o plano da maior parte da oposição. Ademais, ela concorda no essencial com a política econômica – que dá continuidade à do governo FHC – de modo que não haveria urgência em derrubar o governo.

O importante para os defensores do *status quo* não é derrubar Lula, mas desmoralizar não propriamente o PT – essa máquina burocrática emperada e negociata em que parece ter-se convertido – mas sua imagem como partido crítico da ordem e com base popular sólida. Tentam assim riscar do mapa político quaisquer alternativas de esquerda, estigmatizadas como incompetentes, irresponsáveis e corruptas. Convinhamos que a direção do PT e a parte da militância deram um prato cheio para a direita regalar-se, jogando o conjunto das esquerdas num atoleiro.

Oswaldo Giacóia Júnior – Falar sobre possibilidade, num contexto em ebulição alucinada em que os acontecimentos se produzem, parece demasiado abstrato. Prefiro dizer que, com base no conhecimento dos dados de que dispomos, enquanto cidadãos comuns, o *impeachment* não se afigura como uma medida sensata, muito menos como uma solução que pusesse fim à crise.